



Edição nº 28 – 2º semestre de 2019

Artigo recebido até 15/06/2019

Artigo aprovado até 15/07/2019

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: O PROCESSO INTRÍNSECO ÀS LÍNGUAS¹

Alcione Rafael Candido²

G/UEMS

RESUMO: O presente artigo objetiva apresentar alguns aspectos do sistema linguístico, de modo a enfatizar os processos que envolvem as variações linguísticas que são intrínsecas às línguas. Consiste também em evidenciar os fatores e as condições socioculturais que influenciam os diversos usos de seus falantes. Igualmente, abordaremos sobre o preconceito linguístico, oriundo das normas e dos padrões gramaticais tidos como politicamente corretos.

Palavras-chave: variação linguística; preconceito linguístico, língua.

Introdução

A humanidade sempre precisou estabelecer, de algum modo, a comunicação. Seja através da linguagem verbal, ou da linguagem não-verbal, humanos tendem a adaptar e alterar seus meios de comunicar-se com outro indivíduo conforme os contextos, as épocas, as culturas, as idades.

Desta forma, a linguagem humana não é homogênea e tende a mudar constantemente de acordo com as transformações sociais e históricas de determinada sociedade, acompanhando os elementos que a engendram.

Dentre os tipos de linguagem, temos a língua. Esta, como qualquer outro sistema subordinado aos conflitos, hierarquias e influências humanas, modifica-se segundo as conjunturas sociais. Dentro de uma mesma língua, encontramos variantes, dialetos e sotaques que a enriquecem, constituindo pluralidades de uma mesmo idioma.

Contudo, não é incomum o pensamento de que certas variantes informais e certos regionalismos linguísticos são inferiores em comparação à linguagem formal, a linguagem dos manuais de gramática normativa. Tem-se então a propagação de um ideal linguístico,

¹ Trabalho desenvolvido para a disciplina de Introdução à Linguística II ministrada pelo Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues.

² Acadêmica do curso de Letras/Espanhol, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul



Edição nº 28 – 2º semestre de 2019

Artigo recebido até 15/06/2019

Artigo aprovado até 15/07/2019

utilizado pela classe culta e dominante, e considerado o “correto” e, em oposição, a língua usada pela maioria da população, com variações, e considerada como “errada”.

Tanto na língua portuguesa, como em outras línguas, há inúmeros dialetos e variações conforme as culturas, a visão de mundo e a organização social de cada comunidade, pois a língua, sendo um mecanismo dinâmico e vivo principalmente na oralidade, torna-se extremamente maleável e vai transformando-se, adaptando-se de acordo com seus falantes.

Portanto, se todas as línguas estão condicionadas às variações, porque alguns indivíduos recebem negativamente, com preconceito, essas variantes da língua portuguesa? Se é um fator natural às línguas, por que ainda as variações não são aceitas e são vistas como erradas? Inclusive quem não aceita as variantes está sujeito e se sujeita a elas durante a oralidade.

Focaremos então, neste trabalho, os aspectos que compõem o sistema linguístico e como ocorrem as variações nas línguas, observando o motivo da existência do preconceito e da não aceitação da linguagem coloquial e distinta da linguagem normativa.

Linguagem, língua, fala e escrita

A linguagem abrange conjuntos de sistemas de recursos que objetivam a comunicação. Segundo Bechara (2009, p. 28), linguagem envolve “qualquer sistema de signos simbólicos empregados na intercomunicação social para expressar e comunicar ideias e sentimentos, isto é, conteúdos da consciência”. Portanto, seguindo esta conceituação, as linguagens humanas são constituídas por signos, objetivando a comunicação entre os indivíduos.

Na linguagem, temos a verbal e não-verbal. Dentre a modalidade de linguagem verbal, temos a língua. A língua é um dos principais meios de comunicação utilizados por comunidades de falantes que a empregam em diversas situações usuais. A língua é um complexo e poderoso demarcador de culturas e identidades sociais.



Bechara (2009, p. 37), ao referir-se às línguas esclarece que:

Quando nos referimos a língua portuguesa, língua espanhola, língua alemã ou língua latina, fazemos alusão a uma língua como produto cultural histórico, constituída como unidade ideal, reconhecida pelos falantes nativos ou por falantes de outras línguas, e praticada por todas as comunidades integrantes desse domínio linguístico.

Nestas perspectivas, Bechara aponta a língua como o resultado, o amálgama de profundas ideologias, conhecimentos e tradições, de uma determinada civilização na qual os seus usuários se identificam com tal língua e a usam constantemente, empregando-a em diversos contextos e compreendendo-a em várias situações.

Marcuschi (2007, p. 43), aponta que

(...) toda vez que emprego a palavra língua não me refiro a um sistema de regras determinado, abstrato, regular e homogêneo, nem a relação linguísticas iminentes. Ao contrário, minha concepção da língua pressupõe um fenômeno heterogêneo (com múltiplas formas de manifestação), variável (dinâmico, suscetível à mudança), histórico e social (fruto de práticas sociais e históricas), indeterminada sob o ponto de vista semântico e sintático (submetido às condições de produção) e que se manifesta em situação de uso concretas, com texto e discurso.

Seguindo este viés de concepção sobre a língua, não há como concebê-la como um agente passivo estático. A língua reflete e representa seus usuários, suas subjetividades e seus modos de ver e de pensar o mundo, sendo assim, um sistema complexo e jamais único. A riqueza de uma língua está em sua dinamicidade, em seu constante movimento de ruptura e de transformação da gramática normativa que, como sabe-se, também altera-se de acordo com os padrões que são mais aceitos pela maioria dos usuários.

Na língua de um determinado povo há todas os elementos que o envolve: contextos históricos, socioculturais, tradições, mitos, etc. A língua é uma espécie de núcleo das sociedades. Portanto, é um instrumento de poder. Percebe-se essa relação nos períodos



coloniais, nos quais o povo dominador exercia seu domínio através da imposição de sua língua e de sua cultura.

Nestas hierarquias de poder, a língua mais coloquial é usada pela população, isto é, pelos indivíduos que detém menor poder aquisitivo e, geralmente, menos instrução. A língua mais padronizada, conforme a gramática normativa, é elitizada, utilizada pelas camadas mais nobres e estudadas, logo, vista como superior às outras formas de se expressar.

A língua possui duas modalidades: a língua escrita e a língua falada, cada qual com suas peculiaridades. Na escrita é necessário certa vigilância no modo como se emprega a língua. Já a fala é mais livre, e pode variar muito de indivíduo para indivíduo. A fala, pode-se dizer que é algo individual, no qual os falantes empregam suas particularidades interiores e exteriores.

Entretanto, segundo Evanildo Bechara “[...] embora o ato linguístico, por sua natureza, seja individual, está vinculado indissolavelmente a outro indivíduo pela natureza finalística da linguagem, que é sempre um falar com os outros.” (BECHARA, 2009, p. 30). Ou seja, apesar da fala ser algo individual de determinado sujeito, este precisa comunicar-se, dialogar com outros indivíduos e, nesse ponto, temos a língua, para relacionar e vincular indivíduos de mesma sociedade. Deste modo, se a fala pode ser considerada escolha individual e subjetiva do falante, também pode se considerar que a mesma necessita ser compreendida por outro e, por isto, também depende do contexto, demandando, por vezes, adequações.

Tanto a escrita quanto a fala possuem sua importância no cenário social. A escrita possibilita que os saberes de uma sociedade ou época sejam passados e transmitidos a outros no futuro. A fala é importante na medida em que possibilita a comunicação instantânea, mais livre de regras, entre seus usuários. O aprendizado da fala geralmente, antecede o da escrita, já que muitos morrem sem saber escrever o próprio nome porém, sabem falar sua língua.



Contudo, a língua escrita é muito distante da língua falada. Na fala, por sua característica prática e instantânea, muitos não percebem os desvios da norma padrão, tanto na sintaxe, na concordância, quanto na fonética. Mas, caso o falante resolvesse escrever do modo como se fala, perceberia os desvios. Isto porque na escrita há mais tempo para pensar o modo como irá escrever algo. Na modalidade escrita há, por parte do falante, maior preocupação em seguir as normas e, caso haja algum desvio, será mais perceptível do que se fosse apenas na fala.

As variações linguísticas na oralidade

A pronúncia, os vocábulos, as construções gramaticais do português do Brasil são distintas do português de Portugal. Isto devido aos aspectos geográficos e culturais das nações que, sendo também distintos, foram transmitidos para sua língua.

Muito mais distante ainda era o português trazido pelos portugueses em 1500, no descobrimento do Brasil. A língua ganhou novos vocábulos. Devido ao contato com diversas outras culturas e países, absorveu palavras de origem africana, indígena, europeia. Por causa do desuso, suprimiu outras que já não condiziam com os novos períodos, com as evoluções tecnológicas, econômicas, políticas, ideológicas.

Portanto, muito da língua mudou conforme sua evolução e conforme os acontecimentos históricos e, a tendência, é a transformação contínua, bem como a sociedade está em transformação contínua.

Estas transformações contínuas das línguas são denominadas “variações linguísticas” ou “metaplasmos”. E são objeto de estudo da *Sociolinguística*, que é um ramo da linguística que se debruça sobre o modo como os falantes usam a língua durante a fala, como este indivíduo está inserido na sociedade, se tal desvio da norma culta é recorrente ou se ocorre conforme o contexto.

Segundo Tarallo (1986, p. 08), as “variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade”.



Portanto, as variantes são modos distintos de dizer algo, seja na pronúncia, seja na escolha dos vocabulários (mais ou menos culto), seja nas formas de organizar as frases e de utilizar as concordâncias ou não. Demonstra como o falante está habituado a utilizá-la, demonstra suas subjetividades e faz parte da essência da identidade de um indivíduo.

As variantes muitas vezes são elencadas como um modo inferior de utilizar a língua, como agramaticais. No entanto, apesar da língua ter uma gramática interna, o processo de variação não interfere propriamente na gramática, ou seja, nas regras de estruturação e de organização de um enunciado. Por exemplo, um modo de falar só pode ser considerado errado ou agramatical, se não for compreendido pelo outro falante da mesma língua, ou se a organização de seus elementos constituintes não estiverem conforme a lógica gramatical, como na frase:

“Bonito e é azul céu o.”

Isto é, se um indivíduo consegue compreender o outro, e utiliza os elementos da língua de forma lógica e coerente, então seu enunciado é gramatical. Portanto: “U céu é bunitu e azul”, apesar de haverem pequenas variações, e que são comuns na oralidade, não obscurecem o significado do enunciado, constituindo assim, uma frase gramatical.

Antunes (2009, p. 22), ao focar as perspectivas das variações linguísticas, ressalta:

Em qualquer língua, de qualquer época, desde que em uso, ocorreram mudanças, em todos os estratos, em todos os níveis, o que significa dizer que, naturalmente, qualquer língua manifesta-se num conjunto de diferentes falares que atendem às exigências dos diversos contextos de uso dessa língua.

Logo, não há língua homogênea. A língua é um reflexo da comunidade onde está inserida e conforma as mudanças nestas comunidades, a língua também tende a refletir estas alterações.



Edição nº 28 – 2º semestre de 2019

Artigo recebido até 15/06/2019

Artigo aprovado até 15/07/2019

Contudo, as variações não são apenas de um tipo. Elas podem ser de várias modalidades: histórica, geográfica, social e estilística. A variação histórica ocorre ao longo de vários anos refletindo o grupo de maior prestígio que adquire tal variante e esta passa a ser usada por todos ou, se não, pelo menos imposta a todos os usuários. A variação geográfica está relacionada aos dialetos e variantes regionalistas. A variação social é caracterizada pela semelhanças entre a linguagem de indivíduos com mesma condição socioeconômica, com mesmas culturas, idade e grau de instrução. A estilística diz respeito ao estilo empregada em determinadas situações pelo falante: nas relações familiares, nas relações entre amigos, no emprego, isto é, aos empregos distintos da língua de acordo com o contexto, com os tipos de relações.

O que percebe-se é um grande desprezo por parte de gramáticos, pessoas de classe mais elevada e estudantes às essas variações, principalmente quando se trata das variações de falantes que tem pouco ou nenhuma instrução. E, principalmente, desprezo aos indivíduos que se utilizam dessas variações.

A escola, um exemplo de órgão educador e que deveria aceitar todo tipo de manifestação linguística é um sistema que corrige, discrimina e exclui alunos que possuem essas bagagens linguísticas, que vem, muitas vezes, de berço. Muitas atividades que envolvem tirinhas e charges demonstram a não aceitação ao uso coloquial da língua.

A televisão, outro meio de informação, que muito influencia as crianças e aos adultos, coloca personagens pobres, sem estudos, estigmatizados e, muitas vezes sem caráter, como falantes dessas variantes, ridicularizando e inferiorizando quem as utiliza. Esses estereótipos ocorrem porque a língua está muito vinculada ao poder e ao prestígio.

As variações linguísticas só adquirem valor se forem utilizadas por uma maioria de indivíduos bem posicionados na esfera econômica, financeira e cultural. Ou seja, só serão consideradas as variantes das classes elitizadas, das classes de profissionais que conheçam a linguagem, que trabalham com a linguagem, das classes de artistas, de pessoas que são consideradas mais “evoluídas”, mais estudadas.



Edição nº 28 – 2º semestre de 2019

Artigo recebido até 15/06/2019

Artigo aprovado até 15/07/2019

Contudo, é importante salientar que as variantes menos prestigiadas não devem ser consideradas erradas, pois se o objetivo mais importante - a comunicação -, foi estabelecido, então estes detalhes não são relevantes quando se trata de um ambiente informal, no qual o assunto é informal, ou principalmente, quando o falante está habituado a falar do modo mais coloquial ou não possui escolaridade.

As variações que realmente incomodam e devem ser analisadas ou verificadas são aquelas em que a comunicação fica prejudicada. E mesmo assim, com muito respeito pois cada falante carrega consigo expressões linguísticas que foi adquirindo aos poucos, com conhecimentos peculiares através de sua família e da cultura que o rodeia. Cada indivíduo carrega consigo a marca de suas experiências linguísticas e que engendram sua identidade e não podem ser rechaçadas devido ao padrão dominante da gramática normativa, devem ser, antes preservadas e valorizadas.

No ambiente escolar, espaço de estudo e conhecimento, o estudante deve ter, através da mediação do professor, o contato com a gramática normativa, sem, no entanto, desprezar ou inferior a bagagem linguística do aluno. Deve ser explicado que, para a escrita, para certas ocasiões, o aluno necessitará conhecer e dominar a linguagem formal, porém, em ambientes mais informais, caberá à linguagem informal cumprir o papel da comunicação. Jamais o professor deve ter a metodologia de dizer ao aluno que este não sabe o português, que este vai aprender a falar o português, pois tais sentenças corroboram com o preconceito linguístico de que as variações não constituem a língua portuguesa.

Considerações finais

A linguagem humana é extremamente complexa. Envolve inúmeros fatores e seu objetivo principal é transmitir algo. A língua, componente da linguagem, é um complexo sistema de signos que, conforme as mudanças sócias, históricas, culturais e políticas, transformam-se. Estas transformações, as variações linguísticas, muitas vezes são



Edição nº 28 – 2º semestre de 2019

Artigo recebido até 15/06/2019

Artigo aprovado até 15/07/2019

renegadas e inferiorizadas por aqueles que utilizam, ou acreditam que utilizam, a língua de acordo com a norma padrão, a gramática normativa.

Contudo, como a norma padrão, as variantes também possuem suas riquezas e coerências linguísticas e são, na maioria das vezes, reflexos da vida, das experiências, das instruções, da subjetividade do falante, cabendo a ele julgar necessário adaptar conforme os contextos e as necessidades.

O preconceito linguístico, apesar de pouco estudado e divulgado, é muito forte e revela que, ainda há a visão equivocada da existência do falar correto em oposição ao falar errado. No entanto, na linguagem oral, não há certo ou errado, e sim, modos distintos de conceber a linguagem e de se expressar por meio dela.

Logo, toda e qualquer forma de expressão linguística deve ser respeitada e vista não como menor, e sim como diferente.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Língua, Texto e Ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009, p. 22- 25.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 37. Ed. 2009.

Marcuschi, Luiz Antônio. **Da Fala para a Escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2007.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.